

**OS PROFESSORES FORMADORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM
LETRAS – EAD: FORMAÇÃO E IDENTIDADE**

***TEACHER TRAINERS OF DEGREE IN LANGUAGES IN DISTANCE EDUCATION
COURSE (EAD): TRAINING AND IDENTITY***

Váldina Gonçalves da Costa¹

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi identificar de que forma os professores formadores se constituíram como docentes na Educação a Distância (EaD). O aporte teórico perpassa pelos estudos sobre EaD, identidade e identidade profissional, esses tendo como referência o campo da sociologia. Trabalhou-se com entrevista semiestruturada e análise de documentos. Discutimos, nesse artigo, entrevistas de três professores do curso de Licenciatura em Letras. Em relação à inserção na EaD os resultados mostraram que os professores aprenderam a trabalhar na EaD a partir das relações que foram estabelecendo nos diferentes espaços, principalmente no espaço institucional, ou seja, foram se formando por metaformação - “aprenderam fazendo”. Também exercem múltiplas funções no curso e atuam em cursos presenciais. Conclui-se que a constituição identitária desses professores formadores é marcada pela intensificação de seu trabalho e pela conformação de que o trabalho na EaD é intenso mesmo - há uma espécie de naturalização da situação.

Palavras-chave: Professor formador. Educação a distância. Identidade.

ABSTRACT

The aim of the research was to identify how the teacher trainers constituted themselves as teachers in Distance Education (EAD). The theoretical approach permeates the study of distance education, identity and professional identity, those with reference to the field of sociology. It has worked with semi-structured interviews and document analysis. We discussed, in this article, interviews of three teachers of the Degree in Languages. Regarding the inclusion in distance education, the results have showed that teachers learned to work in distance education from the relationships that were established in different areas, especially in the institutional space, or were formed by “learn by doing”. Also they have multiple functions in the course and work in classroom courses. We conclude that the identity constitution of these teacher trainers is marked by the intensification of their work and by the conformation of the work, which in Distance Education (EAD) is really intense - there is a kind of naturalization of the situation.

Keywords: Teacher trainer. Distance education. Identity.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Email: valdina.costa@gmail.com.
Projeto aprovado pela FAPEMIG – Processo APQ-01546-12.

Introdução

Segundo Alonso (2005) a Educação a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino-aprendizagem consolidada desde meados dos anos 70, que viabiliza diferentes formas de ensinar e aprender, bem como a democratização de oportunidades educativas e a possibilidade de se constituir como um instrumento de emancipação dos sujeitos na sociedade. Seja por meio de ambientes virtuais e interativos ou material impresso, também propicia a produção de conhecimento colaborativo, coletivo e individual.

Há muitos são os preconceitos e as resistências em relação à EaD, entretanto alguns avanços têm sido significativos, tais como: a modificação das formas de ensino e aprendizagem, inclusive a presencial e a inserção das universidades públicas na EaD, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). (MORAN, 2011).

Dados sobre os cursos de licenciatura produzidos pelo Censo da EaD da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), trouxeram que em 2013 os cursos em situação regular totalizavam 218, sendo 168 totalmente a distância e 55 semipresenciais. Em relação à região sudeste, na qual a pesquisa foi realizada, há 79 cursos de licenciatura ofertados nessa modalidade, o que representa 36% do total de cursos de licenciatura do país. (ABED, 2014).

Assim, nossa preocupação reside em quem forma os futuros professores que irão atuar na educação básica, ou seja, o professor formador. Assim, a pesquisa trabalhou com o professor formador que atua nesses cursos, e teve a seguinte questão norteadora: Como os professores formadores dos cursos de Licenciatura foram se constituindo como professores formadores na EaD? O objetivo do estudo foi: identificar de que forma os professores formadores se constituíram como docentes na EaD. Para esse artigo trouxemos a discussão dos professores formadores que atuam nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Química.

Referencial teórico

Segundo Mill (2012, p. 45), embora a EaD pareça consolidada, bem estruturada, algumas questões ainda não foram resolvidas, por exemplo, “[...] a condição profissional dos docentes da EaD e a clara definição dos elementos constitutivos do trabalho pedagógico

virtual.” Para o autor suas pesquisas revelam que a “docência na EaD ainda não está profissionalizada” tem-se ainda um tratamento inferiorizado em relação à docência presencial.

Outro desafio refere-se à formação do professor para atuar na EaD, pois essa atuação requer mediação pedagógica e tecnológica, modelos pedagógicos mais construtivistas e participativos, estilos e estratégias de aprendizagem e adequação aos novos meios, produção de materiais em conjunto com a equipe de produção buscando adequá-lo de acordo com os recursos tecnológicos, entre outros. Além disso, Moran (2000, p. 52) levanta requisitos tais como: bom senso, gosto estético e intuição, ou seja,

Bom senso para não se deter, diante de tantas possibilidades, em todas elas, sabendo selecionar, em rápidas comparações, as mais importantes. A intuição é um radar que vamos desenvolvendo à medida que “clicamos” o mouse nos links que nos levarão mais perto do que procuramos. A intuição nos leva a aprender por tentativa, acerto e erro. Às vezes passaremos bastante tempo sem achar algo importante e, de repente, se estivermos atentos, conseguiremos um artigo fundamental, uma página esclarecedora. O gosto estético ajudamos a reconhecer e a apreciar páginas elaboradas com cuidado, com bom gosto, com integração de imagem e texto. Principalmente para os alunos, o estético é uma qualidade fundamental de atração. Uma página bem apresentada, com recursos atraentes, é imediatamente selecionada, pesquisada.

Além desses requisitos exigidos do professor destacam-se também: saber adequar a linguagem para televisão - para as vídeoaulas, saber utilizar algumas técnicas de fala bem como de respiração e dicção, ministrar aulas em estúdio, saber usar ambientes virtuais, escrever material didático impresso e on-line, entre outros. Nesse cenário saber interagir com o estudante é fundamental, dando-lhe mais autonomia e ao mesmo tempo exigindo. Cabe também ao professor, ter clareza de que não é dono do saber, ou seja, na EaD,

[...] o professor não é mais fonte exclusiva de saber. Ele se torna um facilitador do saber e não é mais a principal rede de informação. O ensino torna-se mais interativo e desloca-se, deixando uma parcela maior ao aprendiz do que ao professor. Esse modo de utilização interativa obriga o professor a conhecer as novas tecnologias, a familiarizar-se com elas, a variar as abordagens pedagógicas para facilitar os modos de aprendizagem. (MARCHAND, 2002, p. 137).

A todo tempo surgem novas tecnologias, pois não são separadas “[...] da sociedade e da cultura, mas sim produto de uma sociedade e de uma cultura”. (LÉVY, 1999, p.25). Assim, buscar uma formação pedagógica que atenda às necessidades do momento requer do profissional investimento, seja de sua parte ou da instituição. Um programa de formação continuada nesse contexto, é fundamental.

Há uma carência de professores para atuar na EaD e não há no Brasil curso de formação, graduação para formar professores para essa modalidade e a maioria dos professores tem desenvolvidos os saberes docentes no seu dia a dia. (MILL, 2012). Segundo Mill (2012, p. 47) essa formação tem sido feita por “*metaformação* (“aprender fazendo” ou se formar formando”), ou seja, estão aprendendo a ser professor na EaD sendo professores por ensaio/erro/tentativa/reflexão.

Abreu-Tardelli (2006) e Mill (2012) discutem sobre o espaço físico e o horário de trabalho do professor, afirmando que antes as funções dos professores eram exercidas em espaço e tempo limitados e na EaD essas funções estão deixando de ter esses espaços definidos, rompendo com a distinção entre a jornada de trabalho docente e seu tempo livre, o que leva a alterações no seu contexto social e conseqüentemente na sua identidade. Nesse sentido, Belloni (2001) aponta que o professor que atua no curso presencial e vai atuar no EaD, precisa saber: a) que ele sai da condição de mestre para parceiro uma vez que atende o estudante quando este sente necessidade; b) a necessidade de atualização não só na área específica mas de uma atualização mais ampla; c) que sai do monólogo para um diálogo com diversos recursos; d) que não há um monólogo do saber mas uma construção coletiva do conhecimento por meio da pesquisa; e) que o trabalho é em equipes interdisciplinares e muitas vezes complexas e não um isolamento; f) que não há espaço para a autoridade, mas a parceira; g) que ele sai da condição de formador para a de pesquisador. Então, percebe-se um novo papel para esse professor, mas como ele vai reelaborando tudo isso? Como vai se constituindo professor na EaD?

O meio no qual o sujeito vive e se relaciona é determinante para a constituição de sua identidade, pois a socialização realiza-se num contexto social específico e no curso de sua vida seja dimensão pessoal ou profissional os sujeitos se defrontam com diferentes etapas de socialização que correspondem à sua introdução “[...] mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela”, na qual a ação de socializar é dicotômica, pois está na confluência entre a identificação do sujeito pelos outros e a sua auto-identificação. (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 175). Assim, o contato do sujeito com a realidade objetiva permite que ele repense

[...] a maneira como se vê e como vê aquilo que o cerca. A identidade, uma vez cristalizada, pode ser mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas interações com o outro e com as estruturas sociais. A interação da subjetividade com a realidade objetiva reage também sobre a estrutura social dada, mantendo, modificando ou mesmo

remodelando-a num processo contínuo de interação. (BERGER; LUCKMANN, 2003, p.228).

Nos processos de constituição identitária destacam-se, a socialização primária e secundária. Na primeira a interação acontece no núcleo familiar e na segunda é compreendida como processos sociais que colocam os sujeitos em interação com diversos setores do mundo objetivo da sociedade nos quais os saberes específicos ou profissionais passam a ser percebidos e vividos.

A socialização segundo Dubar (2005), corresponde a um processo de interações e de pertencimento a grupos, nos quais o sujeito é identificado pelo outro (processo relacional) e também é identificado por si próprio (processo biográfico), ou seja, na dualidade da identidade para si e para o outro. Para o autor a construção da identidade passa pela articulação entre o subjetivo e objetivo, entre identidade herdada e visada e depende da forma com as instituições e os seus agentes reconhecem os sujeitos.

Para o autor a profissionalidade dos sujeitos tem relação: a) com as competências aprendidas na formação inicial e continuada e com as articulações de suas diferentes origens; b) com as codificações estabelecidas nos sistemas de emprego a partir da construção e evolução deles; c) com o reconhecimento, nas relações profissionais, das competências do sujeito. (DUBAR, 2005).

Dessa forma, cada professor tem sua própria trajetória de saber formalizado, construído nas relações pessoais e familiares e também a partir de seu contato com os mais diversos estabelecimentos especializados. No caso da presente investigação, os professores formadores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e Química apresentam em comum um saber específico em seu currículo de formação, ou seja, “[...] a **especialidade**, isto é, a competência especializada adquirida pela formação de base” (DUBAR, 2005, p.151, grifo nosso).

Para Contreras (2002, p. 214) a autonomia profissional contribui para se pensar a identidade profissional à medida que se constitui num “[...] processo dinâmico de definição e constituição pessoal de quem somos como profissionais, e a consciência e realidade de que esta definição e constituição não pode ser realizada senão no seio da própria realidade profissional [...]”. Compreende-se então, que é no encontro com outras pessoas que a autonomia profissional vai sendo construída seja na formação pessoal ou na necessidade de definir ou contrapor, com outras pessoas e outros setores. Segundo o autor é em diferentes

espaços e relações que a autonomia vai sendo construída, ou seja, na relação entre essa diversidade.

Entretanto, há a falta de autonomia na profissão docente, tem colocado em discussão a profissão docente, como nos mostra Contreras (2002), Boing & Ludke (2005), Boing (2008), o que nos leva a lançar um olhar mais cuidadoso para a autonomia dos professores do ensino superior, ou mais específico, para os professores, sujeitos desse estudo. Eles têm autonomia em relação às suas ações nas instituições?

Metodologia

O estudo é de natureza qualitativa, envolve estudo bibliográfico e pesquisa de campo. Para a produção dos dados usou-se a entrevista semiestruturada e para análise dessas entrevistas buscou-se mantê-las dentro do contexto do entrevistado, considerando “[...] tanto do conteúdo manifesto quanto do conteúdo latente do material, tentando não se restringir ao que está explícito no material, mas procurar ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente “silenciados”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 48). Também fizemos a recomposição dos dados, interpretando-os à luz do referencial teórico escolhido.

A pesquisa de campo foi realizada em uma instituição particular no curso de Licenciatura em Letras. Foram realizadas três entrevistas com as professoras Helen, Luciana e Telma, cujos nomes são fictícios buscando preservar a identidade dos sujeitos.

Esse curso é ofertado em três anos, dividido em seis etapas com dez quinzenas. Durante o curso há cinco encontros por etapa, sendo um seminário de oito horas e os demais, oficinas de quatro horas, que acontecem nos finais de semana, sendo que em uma das dessas oficinas acontecem as avaliações. O aluno tem acompanhamento por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Resultados e discussões

Parte-se do princípio de que os sujeitos possuem ao longo de sua vida formas identitárias que variam de acordo com o tempo e o espaço em que eles estão inseridos, a *escolha da profissão docente* faz parte da trajetória de constituição de sua identidade profissional e ajudam a reafirmar a constituição profissional dos professores, pois é permeada por acasos, coincidências, indecisões, certezas, dificuldades que vão se construindo nas

trajetórias dos sujeitos. Assim, pesquisar sobre a escolha da profissão docente dos professores formadores pode nos ajudar a compreender como eles foram se constituindo.

A professora Telma com formação em História, leciona espanhol, porque morou durante algum tempo em outros países e ao iniciar com as aulas de espanhol não havia professores com formação.

[...] minha licenciatura é História, [...] eu trabalhei alguns anos na área de História, depois eu mudei para São Paulo e eu nem trabalhei na área eu trabalhei numa empresa em recursos humanos [...] eu casei com um argentino, morei na Espanha um ano e depois na Argentina um ano e nessa história toda eu comecei a estudar espanhol [...] quando eu comecei aqui há uns 15 anos atrás não haviam professores nem com licenciatura, mas não havia formação porque às vezes tinha algum ... ele não tinha formação acadêmica e eu fiz o curso [...] (Prof^a Telma).

No caso da professora Leila a sua escolha pela profissão docente foi pelo fato de gostar muito de ler e escrever bem como de lidar com pessoas.

Meus pais, minha mãe não é professora, meu pai também atua em outra área, foi por gosto pessoal mesmo. Desde pequena eu me interessei muito pelos estudos, pela leitura, pela escrita e pelo ato de ensinar mesmo, de lidar com aluno, as relações interpessoais, a mediação, de estar com o outro, de repente contribuir um pouco mais na formação de uma outra pessoa, isso me atraiu muito na educação. (Prof^a Leila).

Por outro lado, a professora Helen escolheu como primeira graduação o curso de Odontologia, no qual descobriu que gostava de Letras: “Eu comecei com o magistério, quando eu fui prestar vestibular, eu prestei Odonto, comecei Odonto e transferei pra Letras porque eu vi que o que eu gostava mesmo era de dar aula, paixão, não foi falta de opção”. (Prof^a Helen).

A escolha de uma profissão envolve vários fatores e nem sempre é marcada por um modelo, ela pode ser uma segunda escolha como no caso de Helen, ou uma necessidade como no caso de Telma ou ainda por gostar de algo que caracteriza a profissão, como nos mostrou Leila.

De acordo com Berger e Luckmann (2003) o meio no qual os sujeitos vivem pode ser determinante na constituição de sua identidade, o que parece ter acontecido com as professoras em estudo.

Em relação à inserção dessas professoras na EaD apenas uma delas relata que teve preparação para essa atuação, duas começaram a atuar como preceptoras e outra como professora convidada.

A professora Helen fez um curso de formação na EaD antes de começar a trabalhar, só que na época era o Projeto Veredas: “Eu fiz um curso de formação na educação à distância antes de começar o Veredas, depois a gente participa de uma reunião aqui, outra reunião ali, mas nada muito formal”. Atuou nesse projeto, depois como preceptora no curso de Letras, “[...] depois coordenadora do curso de Letras, coordenadora de referência e agora docente.” Apesar de ter passado por várias experiências ela afirma que a tutoria no Veredas era totalmente diferente do que fazem hoje: “Totalmente diferente do que nós temos hoje, era uma tutoria mais presente, os tutores estavam sempre em campo com os alunos, participando dos estágios, dos encontros presenciais, foi muito bom, foi uma experiência maravilhosa.”

Já a professora Leila sem nenhuma preparação para atuar na EaD, começou como preceptora do curso de Pedagogia, para o qual não tinha formação. Depois resolveu fazer esse curso e posteriormente, foi convidada para ser coordenadora do curso de Licenciatura em Letras.

[...] logo ingressei aqui na Instituição como preceptora [...] do curso a distância. Sendo preceptora vi a necessidade de fazer o curso de pedagogia, [...]sou licenciada em pedagogia também [...]. Cursando o curso de pedagogia, logo quando estava finalizando fui convidada a me tornar docente do curso, atuei como docente apenas por 3 meses no curso de pedagogia. Logo a reitoria me chamou pra assumir a gestão do curso de Letras. Assumindo a gestão do curso de Letras vi a necessidade de estudar um pouco mais e ingressei no mestrado. Então, atualmente estou cursando o mestrado aqui na Instituição também. (Prof^a Leila).

A professora Telma era docente do curso de Licenciatura em Letras na modalidade presencial e foi convidada para escrever material e viajar para ministrar aulas nos encontros presenciais do curso na modalidade EaD, migrando ao fechar o curso presencial diretamente para o curso a distância.

Nós éramos os professores do curso presencial que era nessa área de língua e literatura e quando me convidaram para fazer o material [...] eu fui convidada pra dar aula, fui várias vezes à Juiz de Fora, algumas cidades não todas Uberlândia e Araxá que é mais próximo e com isso foi uma transferência do presencial, quando terminou o presencial eu dei sequência, fui transferida. (Prof^a Telma).

Simplesmente transferir o professor sem lhe dar subsídios para atuação é desconsiderar que as demandas da educação presencial são diferentes das demandas da educação a distância. Entretanto pelo excerto anterior a professora não teve opção se quisesse continuar trabalhando, pois foi transferida. Os dados nos dão indícios de que as professoras foram se constituindo como professoras formadores na EaD por meio do “aprender fazendo”, ou seja, no contexto de metaformação como propõe Mill (2012).

Considerando que a identidade também se constitui nas relações estabelecidas no âmbito do trabalho e que as condições de trabalho variam de acordo com a instituição, o curso, entre outros fatores, buscou-se identificar as especificidades do trabalho das professoras formadoras no sentido de compreender melhor como elas contribuem para a constituição da identidade dessas professoras.

A professora Leila atualmente contratada como docente por 30h semanais, atua na parte administrativa, pois é coordenadora do curso e desenvolve as seguintes atividades:

[...] acompanhar a programação no SGA, diariamente tomar ciência da programação. Estabelecer prioridades, correções de provas, acompanhar o trabalho dos professores, divulgação de resultados elaboração de pautas dos eventos, indicação de docentes, dar o parecer nos processos de retorno aos estudos, nos protocolos, dentre outras funções também. (Prof^a Leila).

Sob orientação da gestora Leila estão quatorze professores em oito polos diferentes, sendo sete no polo de Uberaba. A gestora não possui secretária e participa de reuniões com a coordenação geral e a reitoria semanalmente; com os professores do curso e os preceptores, mensalmente, com duração média cada uma, de três horas. A referida gestora afirma que não se sente sobrecarregada e que é possível se organizar para desenvolver as diversas atividades que realiza diariamente.

Segundo a gestora as condições físicas de trabalho são boas e a instituição está ampliando as oportunidades com a reativação do laboratório de línguas que já havia no curso presencial, além de poderem usar o laboratório de informática.

A instituição oferece um excelente espaço físico, as salas de aula, os recursos pedagógicos são oferecidos com tranquilidade, os professores têm acesso ao Datashow, as aulas acontecem utilizando todos esses recursos pedagógicos que estão em ascensão para desenvolver uma boa aula, então o espaço físico é bem adequado. [...] nós estamos recentemente criando no curso de letras o laboratório de línguas [...] nós podemos também usar o próprio laboratório de informática [...]. (Prof^a Leila).

A professora Leila também afirma que sua autonomia enquanto gestora é limitada, que há uma hierarquia a ser respeitada na instituição, ou seja,

[...] uma atitude que eu vá desenvolver no curso eu preciso diretamente informar os meus superiores que seriam os coordenadores do curso a distância. [...] Então, isso é muito claro pra mim, muito tranquilo, lido com muita tranquilidade [...] trabalhar com as pessoas e trocar uma ideia se é viável ou não, [...] o mesmo acontece com os professores, todo nosso trabalho é feito em equipe, mas há uma hierarquia sim. (Prof^a Leila).

Segundo a gestora a autonomia que existe no curso é em relação ao material impresso, pois “os próprios professores do curso que escreveram o material, professores já antigos da instituição, muito experientes, então esse material foi produzido por eles [...]”.

A professora Helen é contratada como docente para 40 h semanais, faz gravação de vídeo altas, elaboração pautas padrão para 12 polos, “[...] elaboração de capítulos, organização de livros, correção de material no ambiente virtual, elaboração de questões para o ambiente virtual, elaboração de avaliações presenciais [...]”. Quando questionada sobre a quantidade de alunos que atende relata que “Não tenho nem noção porque eu estou atualmente com 4 turmas”, mas as turmas são pequenas. Em relação a sobrecarga de trabalho afirmam que “às vezes” se sente sobrecarregada e busca minimizar a situação “sabendo dividir os tempos, os serviços e as atividades”.

Desenvolvendo as mesmas atividades que Helen, a professora Telma relata que a diferença está na quantidade de estudantes que querem fazer Letras-Espanhol, pois são poucos. Segundo ela o material elaborado é muito bom e que há reuniões mensais no curso com cobranças:

Nós temos reuniões com a gestora todo mês pra pontuar e as cobranças também que isso também precisa, porque às vezes a gente escapa em alguma coisa e não só, mas pra ter também novos enfoques com as mudanças que é sempre tão ágil, por exemplo, a vídeo aula foi uma coisa nova pra nós e eu já disse que eu sou muito nos bastidores, me botaram numa câmera fiquei em pânico à primeira vez. (Prof^a Telma).

Além dessas atividades todos professores precisam alimentar o AVA quinzenalmente com questões, pois as atividades desenvolvidas pelos estudantes são randomizadas. Mesmo com essas várias atividades desenvolvidas pelas professoras apenas uma afirma que se sente sobrecarregada, fica subtendido por eles a intensificação do seu trabalho, o que propicia segundo Mill (2012) a exploração da mais valia no tempo de trabalho. É nesse contexto de trabalho que as relações profissionais vão sendo construídas e em consequência a identidade desses professores em meio ao excesso de atividades e a falta de autonomia.

Considerações Finais

Apesar das resistências e os preconceitos existente em relação à EaD, concordamos com Moran (2000) que estamos aprendendo a gerenciar processos complexos nessa modalidade e que a EaD vem modificando as formas de ensinar e aprender, inclusive em cursos presenciais.

Em relação à opção pelo curso dessas professoras, pode-se afirmar que foi marcada por diferentes fatores: segunda opção, necessidade e identificação com algo que caracteriza profissão, o que revela que essa escolha é pessoal, faz parte da dimensão pessoal do sujeito e, portanto, ela perpassa pelo querer, que só o sujeito pode responder (COSTA, 2009), entretanto não podemos negar que o contexto em que viveram na época também foi determinante para suas escolhas.

Sobre a inserção dos professores na EaD, somente uma teve preparação, as demais foram convidadas sem noção do que é trabalhar na EaD, parecer haver uma naturalização de que dar aula na EaD é igual a dar aula no presencial. É preciso que a instituição também contribua para a profissionalização dessas professoras.

As professoras exercem muitas funções na EaD, entretanto apenas uma afirma que se sente sobrecarregada, será que há uma naturalização dessa condição? Isso revela a precarização e intensificação do trabalho docente dessas professoras formadoras na EaD.

Referências

- ABED. **Censo EaD.br**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2013. Traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu. Curitiba: Ibpx, 2014.
- ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **trabalhodoprofessor@chateducacional.com.br**: aportes para compreender o trabalho do professor iniciante em EaD. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html>. Acesso em: 15 mar. 2009.
- ALONSO, Kátia Morosov. Algumas considerações sobre a educação a distância, aprendizagens e a gestão de sistemas não-presenciais de ensino. PRETI, Oreste (org.). **Educação a distância: ressignificando práticas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- ANDRÉ; Marli Eliza Dalmazo Afonso de; PASSOS, Laurizete Ferragut. Professor formador, mestre modelo? *Anais 31ª Encontro Nacional da ANPED*. Caxambu, 2008.
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação à distância*. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOING, L. A.; LÜDKE, M. Caminhos da profissão e da profissionalidade docente BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Sinopse da Educação Superior*. Brasília-DF: MEC/INEP, 2005.
- BOING, Luiz Alberto. *Os sentidos do trabalho de professores itinerantes*. Rio de Janeiro: PUC-RJ. Tese de Doutorado, 2008.
- CONTRERAS, José. *Autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSTA, Váldina Gonçalves da. *Condição docente e constituição do formador: um olhar para a Licenciatura em Matemática*. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.
- COSTA, Váldina Gonçalves da. *Professores Formadores dos Cursos de Licenciatura em Matemática do Estado de Minas Gerais*. São Paulo: PUC-SP. Tese de Doutorado, 2009.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad. Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Portugal: Porto Editora, 1997.
- FANFANI, E. T. Profesionalización docente: consideraciones sociológicas. _____ . *El oficio docente: vocación, trabajo y profesión en siglo XXI*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.
- LANG, V. Formadores no IUFM: um mundo heterogêneo. ALTET, M; PAQUAY, L.; PERRENOUD, F. *A profissionalização dos formadores de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCHAND, Louis. Características e problemáticas específicas: a formação universitária pela videoconferência. ALAVA, Seraphin e colaboradores. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MILL, Daniel. *Docência virtual: uma visão crítica*. Campinas-SP: Papyrus, 2012.
- MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso. BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- MORAN, José Manuel. Desafios da educação a distância no Brasil. VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel; ARANTES, Valéria Amorin (org.). *Educação a distância: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2011. p. 45-86.

RECEBIDO EM: 10/10/2015

APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 29/06/2016